

OS IMPONDERÁVEIS DA GUERRA

UMA SESSÃO INICIAL DE INSTRUÇÃO DESTINADA A OFICIAIS DO QG DE UMA GU FRONTEIRIÇA, NUM PAÍS DE VASTA EXTENSÃO E POUCOS RECURSOS

Cel. AGUINALDO DIAS URUGUAI

INTRODUÇÃO



As sessões de instrução que ora se iniciam neste Q.G. não visam levar aos senhores oficiais noções novas ou ensinamentos inéditos, como acontece nas escolas militares de formação, aperfeiçoamento ou especialização. Seu objetivo é atualizar, além de recordar, aperfeiçoando, nossos conhecimentos relativos às doutrinas táticas e de instrução. Terá em vista também familiarizar-nos com os assuntos que se relacionem com os encargos desta G.U.

A finalidade da instrução, como sabemos, é a preparação das Forças Armadas para a eventualidade da guerra.

Tratando-se de oficiais, é natural que essa preparação assuma aspecto mais delicado, implicando até na sua maior importância, uma vez que sobre nossos ombros pesa enorme responsabilidade como condutores de homens. Tal responsabilidade acentua-se mais na proporção das decisões que tivermos de tomar, estas por sua vez variáveis com o escalão em que nos considerarmos.

Ao iniciarmos então nossos estudos que chamaremos recordação e atualização de conhecimentos, devemos começar por algumas considerações sobre o fenômeno social denominado guerra, esse terrível tropêço na marcha normal da Civilização.

Não nos deteremos, contudo, na apreciação desse fenômeno sob o ponto de vista moral, bastando somente acentuar que modernamente, a esta altura dos acontecimentos internacionais, tôdas as correntes de opinião concordam em que a guerra é uma contingência a que nenhuma nação se pode furtar e, por isto, a deve ter em suas cogitações.

Não importa que para os pacifistas — democratas ela seja um processo execrável para resolver divergências entre povos, uma prova de selvageria humana. Nem que para os belicistas-totalitários seja um fato normal incluído no capítulo "luta das espécies" da Biologia das Noções. Ambas as correntes concordam em que descurar-se dela é antecipar o seu desencadear e abreviar o sofrimento de seus terríveis efeitos.

Diz-se acertadamente ser a guerra *uma luta entre duas vontades*; vencerá o que a tiver mais forte. Vemos nesta definição o reconhecimento da predominância dos fatores morais dentre as diversas forças que se conjugam para, em bem escolhidos pontos de aplicação, obterem a resultante procurada: a vitória final.

Tais forças, em última análise, podem ser classificadas em três grandes categorias:

- forças morais
- forças materiais
- forças imponderáveis

que somadas produzem aquela resultante

O estudo dessas três forças tornaria um tempo demasiado grande e todos nós estamos bem convencidos de seu valor. Por isto pretendemos deter-nos na consideração, ainda que sumária, das forças imponderáveis.

Se fôsse possível a avaliação exata daquelas forças, a guerra seria simples demais porque de início se saberia o vencedor e até nem ela se realizaria, como é lógico.

A única força possível de ser avaliada exatamente é a material, assim mesmo, teoricamente. As forças morais, por estranho que pareça, ainda podem ser estimadas com certo grau de probabilidade, porquanto elas resultam do nível de cultura, da inteligência, vontade, enfim das características personalísticas de um povo, que a História, a Geografia Humana e a Estatística nos podem mostrar com apreciável aproximação.

Restam, pois, as forças imponderáveis que, por definição, são, além de incalculáveis, imprevisíveis até.

Os acontecimentos ou fatos incluídos nessa característica (imponderáveis) surgem sem nenhuma previsão possível e de forma absolutamente inesperada. Muitas vezes são resultantes do ascendente imprevisível adquirido por um homem de gênio.

Outras, das reações da própria luta, pelos insuficientes resultados de certos meios e de certos homens. Essas reações têm causas antes indeterminadas ou imprevisíveis.

Em atenção à cultura e à inteligência dos oficiais que nos ouvem, nada mais seria preciso acrescentar para justificar a importância das forças imponderáveis.

Mas não se trata então de justificar, porém fazer desfilar em nossas mentes os diversos fatos ou acontecimentos considerados de categoria de imponderáveis, a fim de sobre eles meditarmos mais acuradamente. Isto certamente terá utilidade porque acautela nosso espírito de maneira a aumentar tanto quanto possível nossa capacidade de adaptação às mutações e contingências que aquelas forças impon-

deráveis nos trazem, embaraçando mais ou menos nossa ação.

Como afirmamos antes, por serem imponderáveis não nos é possível prevê-los e conseqüentemente prescrever a norma de como enfrentá-los. Contudo o seu estudo nos coloca em melhores condições de aceitá-los sem grandes choques mentais e, além disto, diminuir de muito as conseqüências das primeiras emoções que sempre causam as surpresas.

A História Militar nos fornece exemplos desses fatos inesperados que conseguiram desequilíbrios entre as forças em oposição, algumas vezes momentâneos, outras de efeitos profundos e decisivos.

Sem ir longe, nos recentes acontecimentos da chamada II Grande Guerra, os encontramos com aqueles dois graus de amplitude: curta e profunda.

Dentre os fatores imponderáveis cabe muito bem incluir no seu rol as chamadas surpresas táticas, as técnicas e as estratégicas.

Sendo inesperadas, causam profundos transtornos no adversário, que assim terá de modificar métodos e processos de ação, isto após sofrer as conseqüências daquelas surpresas, sempre mais ou menos desastrosas.

Na campanha da França em 1940 os aliados ocidentais sofreram tremenda surpresa estratégica com a ruptura da frente em Sedam. E ela em grande parte deveu o seu sucesso a outra surpresa, mas de natureza tática, que foi o emprêgo pelos alemães de poderosas forças blindadas e motorizadas numa Zona em que nunca supunham os franceses pudessem ser empregada. Aqui cabe uma observação: não se pode, friamente analisando as coisas, dizer se seria possível aos aliados darem adequada resposta a essa operação. Admitindo que nenhum outro fator moral tenha influído como o das traições, 5ª coluna, etc., talvez que pudesse ter sido aparado aquele golpe ainda em tempo de salvar os aliados, se considerássemos os homens como autômatos, isto é, destituídos de alma. Eis aí, em última análise,

o ponto de aplicação adequado, de que se utilizaram os germânicos: o moral.

Este foi abalado em todo o conjunto das forças armadas aliadas, desde o último soldado até o mais elevado escalão de comando. Todos sentiram entorpecerem-se as forças físicas e mentais. Em todos êles o raciocínio e a vontade, sentiram o duro choque, após o qual nem aquêles teve clareza nem esta o vigor necessário para reagir.

No terreno da técnica é sabido o efeito prodigioso levado ao adversário com o aparecimento de novos engenhos e armas. O uso exagerado das armadilhas, causou surpresas, no início, criando um ambiente tal de insegurança que as tropas se ressentiram do moral que as devia conduzir à frente, com isto retardando as operações. Por outro lado as contra-medidas que até certo momento conseguiram ser mantidas em segredo também abateram o moral dos defensores, no caso das minas e armadilhas, que nestes engenhos confiaram e viram seus efeitos frustrados pelo adversário com os correspondentes detetores.

Aqueles, entretanto, os alemães, logo responderam com minas de madeira ou outro material sobre o qual os detetores não tinham efeito; e assim uma infinidade de novos engenhos como o radar, a bomba atômica, etc. conseguiram abalar o moral do adversário pela surpresa inicial causada, transtornando seus planos e ações.

Além dessas transformações decorrentes da ininterrupta variação de técnicas e táticas, há ainda a considerar a fisionomia dos acontecimentos, sempre nova para os combatentes que dela antes faziam uma idéia. Principalmente no início de uma campanha, em que aquêles acontecimentos tomam sempre um desenvolvimento diferente daquele que se havia previsto, os fatos novos, resultantes das reações do adversário impõem desde logo u'a marcha inesperada.

Chegamos a um ponto em que é preciso nos recordarmos do que vale a preparação para a guerra.

Realmente, se os fatos se passam como foi dito, se as coisas não são como se espera, nem por isto nos devemos acomodar, aguardando os acontecimentos para, diante dêles, deliberarmos sobre o nosso comportamento.

Numa guerra, pode-se afirmar que tudo gira em torno da maior ou menor capacidade de adaptação às contingências geradas por êsse fenômeno já de si oposto à ordem natural das coisas, uma vez que a natureza humana é essencialmente construtiva pela própria razão de ser da vida. Agir pois num ambiente em que prevalecem as ações destrutivas constitui ingente tarefa para êsses entes, dotados daquela força centrípeta que se opõe à própria desagregação do ser: o apêgo à existência.

Então, a referida capacidade de adaptação está na razão direta da preparação feita desde os tempos de paz e abrangendo o moral e o material em todos os seus múltiplos aspectos.

Eis porque hoje aqui nos reunimos. Estamos procurando estudar os assuntos de nossa profissão concorrendo com alguma parcela de aperfeiçoamento de nossas condições pessoais, para atingirmos um dia D com a capacidade máxima possível daquela adaptação e, assim, aptos a exercer nossas atribuições dando do melhor de nossa inteligência e energia para o fim comum que é vencer.

Prossigamos agora com a análise de outros imponderáveis, mas agora constituídos de certas circunstâncias não mais pertencentes ao conjunto de ações e atitudes atribuíveis ao inimigo.

O próprio terreno da ação nos pode causar surpresas quando o conhecemos mal e nos supomos senhores de seus segredos.

Tal é o caso da ignorância de seu revestimento vegetal, sua natureza geológica, do valor exato de seus obstáculos, das facilidades ou dificuldades de suas vias de comunicação, de seu relêvo, etc.

Por estranho que pareça, os nossos próprios meios (engenhos e petrechos) e os nossos processos po-

dem trair-nos na hora crítica de seu emprêgo. Como exemplo de grande evidência está a capacidade de tráfego de nossas EF, de nossas Rodovias, dos meios de transportes civis, etc.

Esta última observação muito se aplica a certos países.

Dadas as condições sempre precárias de recursos e mesmo a mentalidade pacifista generalizada nas democracias, o problema da defesa nacional, um tanto descurado pelos órgãos responsáveis do poder público civil, acarreta esta situação de quase completa carência de providências materiais, para a satisfação de necessidades mínimas e até mesmo de previsão. Parece até que há um certo descrédito na necessidade de se estar prontos para uma eventualidade, por não se crer nesta última.

Uma das maiores conseqüências de tudo isto é a preparação imperfeita das forças armadas, tornando-se a instrução mais tendente à teoria. Pois quase sempre, infalivelmente, em exercícios e manobras chega-se àquela célebre frase: "Assim seria no caso real".

Difficilmente uma Unidade pode realizar exercícios com todos os meios. Não se creia que pretendemos que elas se exercitem com o efetivo de guerra. Não. Estamos nos referindo aos efetivos de paz, porém, o que seria útil era o emprêgo de uma estrutura básica da Unidade, completa, com todos os órgãos que vão agir na guerra, embora na paz com a sua extensão (efetivo) reduzida ao essencial.

Vejamos agora o que pode suceder ao nosso espírito no momento em que estivermos enfrentando a realidade de uma guerra, e façamos o raciocínio em torno de nossa grande Unidade. Abordando esse problema, logo nos assalta uma preocupação: como consiliar o cumprimento da missão que lhe pode ser atribuída, em face dos conhecimentos que nos trouxe a doutrina que estudamos, sobre o valor combativo de uma divisão de cavalaria, ofensiva e defensivamente, ante a tremenda dificuldade de re-

completar os meios atuais disponíveis em curto prazo, numa zona de ação de tamanha amplitude? O próprio dispositivo atual da D.C. (que nos habituamos a considerar nas escolas militares um conjunto), fatalmente no dia D, nos conduzirá a estranhar a nova e inevitável maneira de a empregar, fracionada em núcleos mais ou menos dispersos e quase autônomos, mesmo que as comunicações possam ser asseguradas.

Atentos às atuais condições em que uma campanha se inicia, de surpresa, vistamos a pele de um comandante de unidade ou de guarnição, imbuído do espírito da arma, integrado na comunhão de sua grande unidade a que se prende pelos laços de comando, de disciplina e de camaradagem.

Como nos sentiríamos nesse dia D quando tudo teríamos que resolver por nós próprios, premidos pelo inimigo e assaltado o nosso espírito por esta surpresa da autonomia, amargurados pela demora ou ausência de ordens, providências ou instruções sobre que antes assentamos nosso modo de agir?

Eis, senhores oficiais, um importante fator imponderável. Ele vai se fazer sentir fatalmente, não só nesses comandantes e toda sua Unidade ou guarnição, mas também em nós próprios deste E.M. se não nos acautelarmos mantendo nosso espírito prevenido, assim diminuindo os efeitos do choque da realidade. Por estranho que pareça conquanto estejamos prevendo esse fato, ele ainda continua a figurar nos fatores imponderáveis porque não podemos avaliar a exata medida em que influirá na conduta daqueles sobre os quais incidir.

Terminando, queremos que os nossos oficiais se compenetrem da importância destes estudos atinentes aos fenômenos psicológicos, e que tenham em mente que a meticulosa preparação em tempo de paz, vale dizer a instrução, nos capacitará melhor para as contínuas adaptações de ambiente a que nos veremos forçados em tempo de guerra.